



## NA NATUREZA NÃO EXISTE TRANSFORMAÇÃO REVERSÍVEL

**Sofia Chanoski**

Bateu o sinal cinco minutos atrasado. E ela chegou dez minutos atrasada. Não que isso tenha importância, mas era aula de Física e o professor estava devaneando sobre o Universo. Ela costumava gostar de devaneios e do Universo, mas a ansiedade dormiu com a melancolia e ela estava se sentindo estranha. O relógio marcava cinco e meia e não passavam das oito. Ela se sentia sozinha e conseguia parecer normal até para ela mesma quando estava rodeada de gente, era quase um dom. Copiando fórmulas de Trabalho, pensando no proletariado, foi quando os olhos bateram no quadro negro e o que estava lá agora era (ó) Voltaire. Ela costumava prestar atenção, mas estando o professor fora de sala, só restava prestar atenção no relógio. Talvez na lapiseira. Na lapiseira. Tinha achado-a no fundo da gaveta, mas ainda estava nova e sabia que era de sua mãe. Branca com manchas azuis, divertidas. A lapiseira, claro. Possuía números inscritos e ainda um MADE IN KOREA.

Havia pessoas felizes lá fora. "O verbo *haver* no sentido de *existir* não tem sujeito e não tem plural". O professor de Gramática deve estar certo, existir deve ser assim mesmo.

Na natureza não existem transformações reversíveis.

"Professor, já que não estamos fazendo nada, posso ir à biblioteca?". O professor só concordou e continuou rindo. Realmente não estavam fazendo nada. Nada importante pelo menos. Não se arrependia de ter saído assim, o professor foi exemplificar o princípio na Inércia, onde todo corpo em movimento – ou repouso - tende a continuar em movimento – ou repouso-, com assédio no ônibus, "o cara não precisa nem fazer esforço". Newton era assexuado e o sofrimento das mulheres não é motivo de gargalhada em sala de aula ou qualquer outro lugar. Talvez ela tenha sido desrespeitosa com o professor ao sair, apesar dele não ter ouvido, aparentemente. Outro dia ele puxou assunto com ela na escada sobre a Clarice Lispector. "Ela nem é brasileira, que se foda!", ele disse rindo. Agora que está noivo deve ter mudado, triste.

Os empréstimo de livros eram raríssimos. Sem contar a Educação Infantil ela acreditava ser a única. Mas o que todo o colégio não sabia era que aquele lugar costumava ser muito bem frequentado. Fazia sempre o mesmo caminho por entre as prateleiras. Primeira estante, livros de vestibular e filosofia, ela tinha se apaixonado por Lucíola e Descartes. Na segunda, romances e contos dos mais variados, Machado, Aluísio, Poe, Agatha Christie e muito outros enchiam-na. Terceira estante, algumas Cecílias Meireles e mais livros de mais gêneros. Ela ficou encantada quando encontrou, nessa estante, Pablo Neruda e se perguntava o porque de ninguém ir lá.

Depois disso ela ia direto para a última prateleira da última estante onde estavam os livros de poesia. Tinha de tudo lá, de Leminski à Bandeira e Gullar à Verlaine.

A escada tinha seis lances com oito degraus e ela descia como se eles não existissem. Passou pela cantina onde o cheiro de comida já dava as caras, cumprimentou e logo depois se desculpou com uma das tias da limpeza por ter derrubado a placa de PISO MOLHADO. Pela expressão, as desculpas não foram aceitas. Ao entrar no corredor que dava para a biblioteca, ela notou algo diferente. Ela sentia o ar nostálgico como se tivesse voltado para dois anos atrás, quando as preocupações eram diferentes. Há dois anos ela se preocupava com o Grêmio Estudantil, com a viagem de formatura e com o final de *O Homem do Terno Marrom*. Agora ela se preocupava mais com o mundo



real, apesar de continuar dizendo que tem medo de vespas, mulheres sarcásticas, adolescentes, baratas e chefes de balconistas (mesmo ninguém entendendo a referência). Ela pensou nisso atravessando o corredor que dava para a biblioteca e agora, percebendo o que estava diferente. A bibliotecária nunca era a mesma. Sob olhares da nova guardiã dos livros, ela fez o mesmo caminho por entre eles e pela estante onde todos descansavam. O lugar estava vazio, como sempre, então só ela reparou nos novos exemplares de *Dom Casmurro* e *Madame Bovary*. Só ela reparou que... os livros estavam em ordem alfabética! Ela demorou um ano para reparar nisso, eles sempre estiveram assim? Esqueceu-se disso e foi logo pra sua parte favorita, a última prateleira da última estante. Os versos que enchiam aquele canto enchiam-na de versos. Ela tinha que se abaixar e uma dor na perna anunciava outra coisa estranha.

Uma música tocava em sua cabeça, e ela cantarolava ignorando o aviso de silêncio pregado na parede (não tinha ninguém lá) e percebendo mais uma vez o olhar sobre ela, tentou disfarçar, mas a dor na perna a fez cair para trás. Sentada na altura dos livros da última prateleira, seus olhos bateram em livros didáticos. A coisa estranha anunciada começava a entrar em cena. Livros didáticos no lugar da sua poesia, sua, é claro, ninguém mais ia visitá-los. Livros didáticos? História geral, Geografia e Biologia, com todos os nomes, reis e ditadores poderiam se comparar com a poesia? Afinal, ela é a vida. Mas poesia não é vida real, poesia é fuga. “Tudo bem,” ela suspirou, “sabe como são as bibliotecárias”. Pensou que aquela senhora deveria ter organizado tudo novamente, tudo em ordem alfabética. Mas os livros didáticos não estavam em ordem, eram antigos e pareciam ter sido colocados lá com pressa, e para os mais atentos, faltando o primeiro volume de cada coleção. A poesia não estava mais lá. Se dirigiu à mesa do final do corredor pelo qual já tinha passado e com um sorriso perguntou se aquela senhora sabia onde ela poderia encontrar os livros de poesia que estavam, até o dia anterior, na última prateleira da última estante. A senhora seguiu com os olhos para onde a menina apontava e ao levantar, demonstrou certo espanto. Com o mesmo sorriso a menina perguntou como a senhora, que se chamava Anete e não tinha idade para ser senhora (risos), em tão pouco tempo, conseguiu organizar os livros. “Organizar os livros? Eles se organizam sozinhos” e deu uma piscadinha. Que resposta horrível. Seu sorriso simpático se tornou de alívio ao notar a segurança com que a mulher andava. Ao chegarem na tal estante, nada. A bibliotecária perguntou por qual título ela procurava e ao invés de insistir em todos, ela pediu o *Muitas Vozes*, o primeiro que veio a cabeça e que tinha quatro exemplares. Na última prateleira, dessa vez da primeira estante estavam os “F’s”. Nada de Ferreira. Ou Fernando, ou Fagundes. “Estranho”, uma falou e a outra pensou. “Ninguém veio aqui”. A que pensou, olhou para o relógio e disse que tinha que ir, aula de Biologia. Ela disse que voltaria e saiu correndo, não esperando para ouvir o que a outra respondeu.

O sobressalto de nada adiantou, o professor já estava na sala e não deixou-a entrar. Sem se importar (isso já havia acontecido), fez o mesmo caminho de antes, apenas desviando de crianças e do Diretor. Atravessou o corredor percebendo a mesa do final vazia e alguém atrás dela, olhou para trás. Era o Diretor. Quando você se atrasa para a aula, deve comunicar os coordenadores e eles te dão uma autorização para entrar. Ela não tinha feito isso, ela ia matar aula na biblioteca e o Diretor viu. Ela começou a andar mais junto da parede esperando uma bronca, mas o homem alto e magro carregando uma caixa grande só ultrapassou pele direita e entrou na sala paralela ao seu destino. Para uma quinta-feira, o dia já estava cheio de sorrisos de alívio. Ela nunca entendeu qual é a das quintas-feiras. Tal foi sua surpresa ao virar o corredor e dar de frente com a porta da biblioteca fechada e um aviso VOLTO LOGO.

A biblioteca fechada às onze da manhã era novidade. Ela encarou novamente a porta com o aviso, sem acreditar. Reparou um movimento na sala de trás, mas um grupo de pessoas atrapalhou sua visão. A porta dessa sala agora estava aberta e de fora dava pra ver uma mesa de reunião sem cadeiras em volta. Algo despertou sua curiosidade. As caixas. Caixas de papelão que desafiavam as leis da Física pelo empilhamento que as faziam parecer vazias. Entrando na sala, ela viu que estavam cheias, e cobertas. A penumbra do ambiente atrapalhava, mas ela não ousou



acender a luz. Ela descobriu, nos dois sentidos. Descobriu as caixas e descobriu livros dentro delas. Pegou de dentro de uma *Além do Bem e do Mal*, pegou outro e *Crítica da Razão Prática*. Filosofia. A caixa do lado estava fechada e antes que ela pudesse abrir ela ouviu uma voz masculina reclamando da porta aberta, a porta em questão: a dessa sala. Ela só conseguiu ver o grande pano que encobria os livros e antes mesmo de pensar já estava em baixo dele, coberta, respirando filosofia empoeirada. Ela ouviu um som abafado e imaginou, corretamente, uma nova caixa sendo solta na grande mesa. A luz foi ligada e ela ouviu passos vindo em sua direção. Que ótimo lugar para se esconder, no meio do segredo do Diretor. Ela podia jurar que a vida passava em câmera lenta e que a mão do diretor estava começando a puxar o pano quando batidas na porta quase fizeram-na chorar de alívio. “Ela está aqui de novo”, uma voz feminina. O Diretor saiu da sala e fechou a porta atrás de si.

“Ela está aqui de novo? Se ele saiu da sala, não é de mim que estão falando”, pensou. Cogitou sair pela janela que dava para a quadra esportiva, mas achou melhor manter a classe, abriu a porta, olhou para os dois lados e caiu na cadeira que estava do lado de fora desta porta fingindo amarrar os sapatos. A bibliotecária ainda não estava lá.

Ela resolveu voltar para a sala de aula, já devia ter dado o horário. Enquanto passava pela Secretaria, viu o Diretor conversando com uma senhora que estava de costas. Ela reconheceu pelo avental, era a tia da pipoca. A senhora que ficava com seu carrinho na frente do colégio ao final da tarde... O que ela fazia ali? Até onde ela sabia, a única autorização que a tia precisava para vender era a do governo, o que ela fazia ali? A tia carregava uma sacola pequena nas mãos, de costas mal dava pra ver. Ela tirou o conteúdo e a menina que espiava pela porta de vidro quase caiu pra trás. Ela conhecia muito bem aquele Quintana da contra capa. Infelizmente só conseguiu ver isso, afinal, a tia estava de costas, mas tinha mais coisa. O Diretor estava repreendendo ela, algo sobre atraso. Isso. Ela ouviu muito bem, ele tinha dado um prazo e ela não tinha cumprido. A porta de trás da Secretaria abriu e antes de sair correndo, ela conseguiu ouvir que faltavam livros. Pensando nisso, ao atravessar a cantina nem percebeu o balde a sua frente e acabou caindo, derrubando-o. A moça da limpeza ainda estava lá e, pela expressão ao último pedido de desculpa, achou que ia levar uma bronca, levantou em um pulo e condenando sua distração e falando rápido em um misto de vergonha e euforia, só parou de falar quando a moça sorriu e disse “Distraídos venceremos!”. Ela precisou parar e respirar, só podia ser uma coincidência muito bem bolada pelo destino. *Distraídos Venceremos* é um dos livros que sumiu da biblioteca, os três exemplares, aliás. Como se lesse sua mente, aquela mulher, voltando a passar pano no chão, disse: “Não discuto com o destino, o que pintar eu assino”. Achando aquilo muito suspeito, ela se virou e saiu andando, olhando para trás algumas vezes.

Subiu as escadas com certo esforço e ao entrar na sala, encontrou apenas o professor de Química lendo. Não conseguiu ver, mas apostava que sabia o que era. Olhou para o relógio, meio-dia e quarenta, hora de ir embora. Ela poderia voltar para sua poesia. Ela se perguntava o porque de sua mochila estar sempre tão pesada. Hoje ela levava novos exemplares.